

PIERRE BOURDIEU HOMENAGEM AO CIENTISTA E PROFESSOR

Pierre Bourdieu faleceu quarta-feira, 23 de janeiro. Antes do tempo. O desaparecimento de um cientista da sua importância e professor/pesquisador fora do comum incita aqueles que estiveram próximos e se beneficiaram do trabalho desse excepcional animador de pesquisas, a falar de sua experiência.

Para os leitores brasileiros, Sergio Miceli (Folha de São Paulo, 27 de janeiro p.2. Caderno 3) evocou de maneira emocionante sua experiência de doutorando, nos anos 1974/75 no Centre de Sociologie Europeenne – École des Hautes Etudes em Sciences Sociales. Em pouco mais de dez anos Bourdieu tinha conseguido seu status no espaço científico francês e tinha leitores e tradutores atentos fora da França. Em 1973 estavam já traduzidos os textos significativos de todas as primeiras grandes pesquisas como “Déracinement” (espanhol), “Les Héritiers” (espanhol, italiano, alemão, romeno) “L’Amour de l’art” (italiano), os artigos importantes para os desenvolvimentos futuros sobre os sistemas simbólicos e seu lugar na análise da dominação, em particular, “Condition de classe et position de classe” (alemão) “Champ intellectuel et projet créateur” (espanhol-mexicano, português do Brasil, japonês, inglês, alemão) o posfácio a Panofsky, “Architecture gothique et pensée scolastique” (alemão), “Eléments d’une théorie sociologique de la perception artistique” (inglês, alemão, espanhol-argentino) Os seminários muito concorridos tinham já um público bastante numeroso para permitir ir ao fundo das discussões que tinham continuidade em “petits comités” nos arredores, e sobretudo nos grupos de trabalho do Centre de Sociologie Européenne. Bourdieu era um homem muito ocupado e solicitado, que estava já obrigado a proteger cuidadosamente seu tempo de trabalho. É neste contexto que é preciso apreciar o que Miceli conta do tempo que Bourdieu lhe consagrou, a precisão das discussões de seu trabalho e todo o carinho do professor-pesquisador acompanhando seu estudante brasileiro na exploração das dimensões as mais amplas de sua pesquisa.

Um outro a ser citado é Abdelmalek Sayad, estudante e depois colega, falecido em 1998, que falou sobre o seu encontro com o jovem P. Bourdieu ainda no começo de sua carreira de pesquisador. Numa longa entrevista de 1996, provavelmente muito pouco conhecida dos leitores brasileiros “Um entretien avec Abdelmalek Sayad” (entrevista realizada por Hassan Arfaoui M.A.R.S n.6, Printemps/Été 1996, pp 7-52.), Sayad conta com detalhes, coisa que ele não fazia habitualmente, os anos de sua formação universitária em Alger, depois de deixar a escola normal de professores primários. Seu encontro com a Sociologia que coincidiu com o encontro com P. Bourdieu durante os anos da guerra de independência da Argélia, entre 1958 e 1961. Eu não tenho o texto da entrevista nas mãos, apenas

algumas citações que havia extraído para falar sobre Sayad no grupo de Sociologia das Migrações na ANPOCS em outubro de 2000. Pouco importa, além das citações o que é importante reter aqui, é o que Sayad diz sobre as discussões apaixonadas com Bourdieu nas quais ele “*descobria algo até então desconhecido, ignorado no nosso mundo, porque não era um mundo intelectualizado, isto é, que se podia escrever cientificamente sobre a realidade social, e portanto sobre a realidade política*”. (p.23)

Pelos azares daquela época, Sayad, professor iniciante expulso de sua escola pela guerra na Cabília e desempregado em Argel, encontra-se em contato com jovens intelectuais franceses, ex-estudantes da Escola Normal Superior, como o próprio Bourdieu, da Escola Nacional de Administração, da Politécnica e do Instituto Nacional de Estatística mobilizados desde o final de sua formação, para cumprir o seu tempo de serviço militar e que ensinavam na Universidade de Argélia, sendo considerados pelos jovens argelinos como os únicos franceses favoráveis a independência de seu país. Assim ele se encontrou associado a um conjunto de pesquisas concebidas com o objetivo de conhecer ou em todo caso, avaliar as realidades da Argélia em plena transformação por causa da guerra e onde a descampenização causada pela política agrária colonial, conhecia uma aceleração dramática devido aos reagrupamentos dos camponeses das montanhas, longe de suas terras. Deste conjunto de pesquisas sobre o trabalho, emprego, desemprego, habitação, consumo, etc. sairá, em 1963 o livro “*Travail et travailleurs en Algérie*” (com A. Darbel, J.P.Rivet, C. Seibel) no qual se identifica claramente o trabalho de análise e interpretação sociológicas de Bourdieu, que neste momento já estava longe de ser um principiante e já tinha publicado em 1958 o pequeno “*Que sais-je?*”, “*Sociologie de l’Algérie*”, um tipo de estado dos saberes sobre a Argélia

Em 1964 será publicado, sob a assinatura de P. Bourdieu e Sayad, “*Le Déracinement. La crise de l’agriculture traditionnelle en Algérie*” que vai ser imediatamente traduzido em espanhol e publicado em Barcelona desde 1965. Trata-se de um livro, sem dúvida que mereceria ser mais conhecido, de uma grande inventividade nas técnicas de pesquisa e nas análises das rupturas e das condições de transformação, digamos, das visões de mundo.

Voltemos as citações de Sayad. Em seguida da frase já mencionada concernente a descoberta, essencial para a reflexão política, (“*que se podia escrever, cientificamente sobre a realidade social, então sobre a realidade política*”) Sayad diz ainda: “*Talvez o ensinamento maior, o mais positivo e o mais edificante (de maneira geral e não somente em relação com a prática da Sociologia, a técnica sociológica) que recebi de Bourdieu: de Bourdieu como sociólogo no campo, como observador e analista da sociedade argelina. As longas discussões, tardes inteiras nas quais eram minuciosamente debatidas e recortadas as informações recolhidas, as observações registradas, tudo isso era um verdadeiro trabalho de laboratório onde se forjavam as hipóteses, onde se testavam as interpretações, onde se experimentavam as teorias.*” (p.23-24) Citando ainda “*em todos aqueles objetos*

não de podia separar Sociologia e Etnologia. Era preciso recolocar o verdadeiro sentido da noção de Antropologia. Nesse campo de pesquisa não se podia fazer Sociologia sem uma Etnologia, da mesma forma, que não se podia fazer uma Etnologia ansiosa da mais ampla compreensão, do mais alto valor heurístico sem fazer Sociologia. Este é sem dúvida, o maior ensinamento que aporta a reflexão sobre as chamadas sociedades sub-desenvolvidas e as economias precapitalistas.

Até hoje, em outros domínios aparentemente afastados daqueles oferecidos pela Argélia em 1960, a Sociologia de Bourdieu guarda ainda as marcas desta aprendizagem inicial. De uma certa maneira, é tudo isso que eu devo a Bourdieu: esta transformação do saber intelectual em ferramentas de trabalho, essa experiência de campo, esta busca obstinada do menor sinal”. (p.31)

Por ocasião de uma reunião de homenagem a Sayad em abril de 1998, em uma improvisação calorosa e cheia de informações, Bourdieu evocou aquelas expedições para o trabalho de campo com Sayad e como de vez em quando seu jovem guia argelino o deixava esperar em lugares onde era melhor que um jovem francês não circulasse sozinho. Não sei se esta intervenção foi gravada. Sem dúvida, pensava-se que ainda haveria toda a vida para recolher estas informações. De fato o tempo estava contado.

Depois da evocação de encontros de tal qualidade, minhas primeiras experiências, que se situam no momento da graduação, me parecem menor e exito falar sobre elas, mas para o estudante que eu era, elas foram tudo menos banais. Era um momento particularmente decisivo da carreira do pesquisador P. Bourdieu, em que se via em ação o animador de pesquisa e o professor excepcional que ele foi.

Em 1962, ele é com outros (em particular Crozier, Passeron) no Centre de Sociologie Européenne dirigido por R. Aron, onde sua experiência da pesquisa, acumulada nas difíceis condições da Argélia e também junto aos camponeses de Bearn, sua região de origem, lhe dá nesse aspecto um avanço, sobre todos, inclusive o próprio Aron. Publica seu primeiro texto de pesquisa, o longo artigo “Celibat e condition paysanne” no qual aparece seu “savoir faire” de antropólogo e sociólogo, e onde em particular, através uma inventiva construção estatística de fenômenos que pareciam feitos para um tratamento essencialmente etnográfico, dá os meios de romper com as evidências do familiar. Este trabalho não traduzido em português teve uma importância maior nas suas aprendizagens científicas. Ele o retomará várias vezes, assim em 1972, “Les strategies matrimoniales dans le système de reproduction.” Em 1989 “La reproduction interdite. La dimension symbolique de la domination économique”, e ainda em uma intervenção numa discussão interdisciplinar por ocasião da jornada de discussão interdisciplinar sobre “Le cas et l'exemple dans la méthodologie des sciences sociales” em 1990, na École des Hautes Études em Sciences Sociales – EHESS para argumentar uma incisiva reflexão sobre “o caso como caso particular de um espaço de casos possíveis”.

Foi nomeado professor na Universidade de Lille no momento em que se começava o ensino da licenciatura em Sociologia. Eu não fiz parte desse primeiro

grupo de estudantes de 1962. Cheguei em 1963 num pequeno grupo de estudantes de graduação que não passava de uma dúzia e onde aqueles que tinham tido o privilégio de seguir as aulas do ano anterior sobre o desencantamento do mundo, comunicava seu entusiasmo e iria exercer o papel de coordenação das atividades daqueles que participavam das pesquisas que Bourdieu dirigia com Passeron ou com Dominique Schnapper. Desde o começo, os estudantes de Paris (estudantes de Passeron) e se me lembro bem, sobretudo aqueles de Lille, estiveram associados as pesquisas de campo (“Les étudiants e leurs études, Um art Moyen, L’Amour de l’art”).

Os cursos magistrais a Lille eram literalmente tomados pelas questões, as problemáticas e também as análises das pesquisas de campo. Não participei dos cursos sobre o desencantamento do mundo em 1962, mas os frutos das análises que ele havia permitido colher estavam presentes nos cursos de 1963, sobre a evolução pedagógica na França. Era o momento final das análises sobre os estudantes, seus estudos e sua cultura, mas também sobre a fotografia, (“art moyen” em que o sentido social está inteiramente contido nas modalidades da prática); o momento de elaboração das problemáticas e das pesquisas de campo sobre a frequência aos museus.

O conceito de capital cultural incorporado não havia ainda recebido seu nome, entretanto nas três pesquisas (e também as investigações sobre os cineclubes em Lille, etc) as análises do “privilégio cultural”, da “hereditariedade cultural”, (“relação à cultura”, “naturalidade” “itinerário cultural” e outros) assim como as condições de acumulação e da transmissão (quer dizer, da incorporação, como dirá mais tarde Bourdieu) das heranças culturais estavam no centro das interrogações.

No centro da reflexão, estão já as questões tão fecundas sobre as características da relação socialmente constituída entre aquelas realidades, que mais tarde, se chamarão “capital cultural objetivado” e “capital cultural incorporado”, em particular através das instituições e mais especificamente ainda, através dos efeitos sociais das socializações escolar e familiar.

Bourdieu dava suas aulas quarta feira a tarde numa sala lotada onde se encontravam os estudantes de filosofia muito mais numerosos que nós os sociólogos, e como sempre acontecerá em seus cursos, estudantes vindos de outras disciplinas atraídos por aquele jovem professor a quem sua experiência de trabalho de campo, grande para a época no meio universitário francês, e a quem suas ambições teóricas davam na discussão de Sartre, no uso das aquisições da fenomenologia, e talvez ainda mais na leitura dos grandes clássicos, um raro tom de liberdade.

Quinta-feira logo cedo, se reuniam em grupos de trabalho aqueles entre nós que participávamos das investigações. As minhas mais vivas lembranças estão ligadas aos diversos momentos da pesquisa sobre os museus e seus públicos, as fases de preparação da pesquisa, as discussões do questionário, os roteiros de entrevistas e observações; faziam-se proposições, discutiam-se os primeiros dados recolhidos.

Todos aqueles que participaram do trabalho de campo sob a direção de seus professores sabem o que isso significa. Um professor, mesmo o mais disponível, está sempre ocupado por seus próprios trabalhos e não tem tempo. Bourdieu não era o homem a desperdiçar seu tempo. Passava 24 horas por semana em Lille, de quarta-feira a tarde até a quinta. Um tempo que nos parecia bem aproveitado.

O que retrospectivamente me chama mais a atenção é a capacidade de mobilizar grupos, de proporcionar aos mais jovens a possibilidade de aproveitar as aquisições e saberes dos mais velhos, ao mesmo tempo que para estes a oportunidade de colocar suas análises á prova, numa sorte de socialização mútua, através de um trabalho que encantava porque nos parecia produtivo e cheio de futuro.

Os resultados de nosso trabalho lhes eram comunicados sob a forma de pequenas notas ou oralmente pelos coordenadores, as reuniões começavam pelo exame de nossas análises, onde podíamos sentir concretamente o poder de esclarecimento de uma hipótese, a eficácia prática de um conceito como programa de investigação ou, em todo caso, como guia do olhar até o detalhe aparentemente o mais insignificante ou, ao contrário, dotado de sentido já evidente para nós, enquanto estudantes ou gente que vivenciava, mais ou menos, as práticas culturais estudadas. Eu vinha já um pouco mais velho que os colegas mais novos, de um universo onde aprender era sobretudo redescobrir aquilo que já estava consagrado, mas não estava sozinho neste caso, havia entre nós professores do primeiro grau, práticos de diversas atividades que tinham alguma ligação com os domínios dessas pesquisas, com toda familiaridade suscetível de funcionar como obstáculo.

Nós aprendíamos da maneira a mais concreta que a ciência é uma coisa que se faz, num uso muito prático dos conceitos e também dos autores. O que nós estudantes gostávamos de considerar como virtuosidade espontânea de aluno da Escola Normal Superior, desrespeitoso das hierarquias universitárias, era já o exercício do "ofício", o uso prático de interrogações teóricas nos mais minuciosos procedimentos de pesquisa que em geral funcionavam como verdadeiras experiências.

A reflexão epistemológica construtiva, tão inspirada no uso inventivo dos autores os mais diversos, que se encontra sistematizada no livro "A profissão de sociólogo", publicado em 1968, estava se inventando e operando continuamente, nas pesquisas daquela época e contribuía para a distinção das mesmas no espaço científico. Nesta época, Chamboredon, co-autor com Bourdieu e Passeron, era o jovem assistente de Bourdieu em Lille e animava as sessões de trabalho prático previstas para o programa de ensino onde aprendíamos a ler autores, quadros, relatórios de pesquisas etc. Tudo isso recaía sobre nós de mil maneiras a impregnar todas as atividades. Lembro-me particularmente pela desconfiança das noções consagradas, pelo uso ingênuo das variáveis "naturais" como sexo, idade, região, a interrogação quase maníaca sobre a maneira na qual, um dado ou outro, fora construído e obtido, a interrogação, já, do sentido das não respostas, sobre os efeitos da codificação

e, de maneira geral de pseudo construções, os famosos artefatos produzidos, pelo uso aparentemente os mais rigorosos, das técnicas de pesquisa.

Resumindo, era um momento particularmente decisivo das experiências pessoais e coletivas da pesquisa e das aquisições científicas de P. Bourdieu. Seus ensinamentos irradiavam tudo isso.

A partir de 1965, depois da breve passagem pela universidade e as tarefas ligadas à graduação, ele é eleito Diretor de Estudos da École des Hautes Études em Sciences Sociales, onde pode se consagrar exclusivamente às pesquisas e à formação de pesquisadores. Para dar um idéia justa da dimensão do cientista que ele foi, seria necessário fazer uma apresentação circunstanciada da sua obra, que não é o caso de se fazer aqui. Eu me limitei às pesquisas contemporâneas dos momentos evocados numa tentativa de revelar a densidade e a inventividade das mesmas, com a esperança de proporcionar aqueles que não as conhecem o desejo de ler ou, porque não, reler alguns desses textos.

As pesquisas daquela época, sem dúvida pelo fato de que buscavam a construção a mais ampla e ambiciosa dos sistemas das determinações dos objetos que nomeiam, contem já em germen os grandes desenvolvimentos futuros. Em particular, para se limitar a alguns dos mais significativos, os trabalhos em torno de “La Distinction”, vasta análise dos processos de diferenciação social e, indissociavelmente, das categorias de percepção do mundo social; mas também num aprofundamento sempre ampliado das análises sobre o sistema escolar, os trabalhos sobre a produção das elites, sobre a “nobreza de Estado” e sobre o próprio Estado como espaço e história da concentração das legitimidades as mais altas e da dominação simbólica; ou ainda, o complexo das pesquisas em torno da produção artística parcialmente sintetizadas em “As regras da arte.” É preciso inserir nesse complexo, os trabalhos (que a morte o terá impedido de publicar) sobre o pintor Manet na sua época, análise profunda e ainda promissora do que é uma inovação simbólica, expostas nas aulas tão impressionantes dos últimos anos no Collège de France.

Uma outra forma de evocar sua importância para as Ciências Sociais consistiria em nomear em seguida de seus próprios trabalhos, os principais domínios explorados por aqueles que se inspiram das suas construções para desenvolver as próprias pesquisas. Para se limitar a um exemplo, os cerca de 140 números da revista “Actes de la Recherche” dão uma idéia eloqüente do seu papel de inspirador, mas uma idéia ainda muito incompleta, na medida em que além das pesquisas que ele inspira direta ou indiretamente, seria preciso levar em conta o conjunto das discussões que seus trabalhos suscitam, e assim, os avanços que provocam ou vão provocar numa bela ilustração de suas próprias análises das condições do progresso no campo científico.

No conjunto de seus trabalhos “A miséria do mundo”, obra coletiva, mas que porta profundamente sua marca, de uma certa forma, se diferencia do restante pelo tom e modo de exposição. Ela lhe valeu às vezes a reprovação por abandonar

o rigor científico por uma expressão mais literariamente dramática. É desconhecer que as análises sociológicas nas quais as entrevistas tomam o seu lugar, são a síntese das mais rigorosas análises de toda uma vida sobre os mecanismos das desigualdades, sua reprodução e seus efeitos materiais e simbólicos.

Pode-se assim considerar que a obra “A miséria do mundo”, coroa de maneira menos austera, mais concreta e acessível ao público não especializado, as intenções e o alcance prático desta sociologia crítica. Pode-se, inclusive, considerar que ela anuncia, talvez, à sua maneira, as reflexões que o levaram aos engajamentos políticos, que foram os seus, a partir de 1995.

A morte o deteve nesse caminho. No que sinto pessoalmente pelo seu desaparecimento prematuro, entra o pesar de saber que não lhe foi dada a satisfação de continuar por mais tempo essa luta, onde ele dava muito de si mesmo, numa sorte de coroamento da afinidade entre vocação e campo, como ele analisava de maneira tão sugestiva até nas suas “Meditações pascalianas”.

F. Bonvin,¹ 1 de fevereiro de 2002

¹ Professor/pesquisador da École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris. Professor convidado na pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília.

Traduzido por Maria Helena Rocha Antuniassi, professora/pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – NAP/USP.